

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

LORENA MARIA MELCON GAGLIARDI

**ARQUITETURA E PSICANÁLISE:
O CRIATIVO, A CRIAÇÃO E O OUTRO**

SÃO PAULO

2013

LORENA MARIA MELCON GAGLIARDI

**ARQUITETURA E PSICANÁLISE:
O CRIATIVO, A CRIAÇÃO E O OUTRO**

Artigo Científico apresentado à Coordenação de Iniciação Científica como requisito à obtenção do certificado de conclusão da pesquisa desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos

SÃO PAULO

2013

RESUMO

A criação move a vida. A criação é capaz de mover a humanidade. Neste artigo, busco determinar os conceitos de arquiteto criativo e analisar seu processo de criação com o intuito de esclarecimento do tema. A psicanálise se insere, a medida que é capaz de distinguir o criativo e de relacioná-lo com o Outro, através de reflexões proporcionadas pelos psicanalistas: S. Freud, J. Lacan, C. Riolfi e J. Forbes. Ademais, revela-se a importância da arquitetura criativa para a sociedade, como algo que traz algum sentido a vida. E, para o arquiteto, como algo fora de seu domínio de controle. Sua constatação foi possível graças aos relatos de arquitetos de grande contribuição social, tal qual, Oscar Niemeyer e Lina Bo Bardi.

Palavras-chave: Arquitetura. Psicanálise. Criação. Criativo. O Outro. Arte.

ABSTRACT

Creation moves life. Creation is able to move humanity. In the present article, I search for determine the concept of creative architect and analyze its creation process in aim to turn this subject clear. The psychoanalysis is inserted in, while it's able to distinguish the creative and relate it to the Other, passing by the reflection of the psychoanalysts: S. Freud, J. Lacan, C. Riolfi and J. Forbes. Furthermore, it reveals the importance of the creative architecture to society, as something that brings some meaning to the life. And, for the architect, as something that is out of your control. The constation was possible thanks to reports from the architects of big social contribution, like, Oscar Niemeyer and Lina Bo Bardi.

Palavras-chave: Architecture. Psychoanalysis. Creation. Creative. The Other. Art.

1. INTRODUÇÃO

Ao lidar com a criação – não apenas no campo da arquitetura –, o indivíduo entra em contato consigo mesmo de forma profunda e única, resgatando o que há de mais íntimo em si, a sua própria existência, seu Eu. O processo de criação se torna importante, e até essencial, pois traz à tona algum sentido da existência do próprio indivíduo e, também, permite a identificação dos demais observadores que, por sua vez, seguem suas jornadas existenciais.

Com o auxílio de uma bibliografia de incontestável importância social, pude compreender termos psicanalíticos e processos inconscientes, enquanto os observava e analisava criativas obras arquitetônicas.

O que me impulsionou a escrever este artigo foi a busca pela compreensão deste tema essencial ao arquiteto e à vida de todos, *a criação*.

2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sente-se a poesia e a leveza das obras ditas criativas passando pelo corpo. Não buscarei tratar este tema como algo exclusivo da arquitetura, por isso trago à tona outras formas de arte, tal qual: a escrita, pintura e escultura. Foi uma libertação e, ainda assim, algo "esperado", ver que grandes arquitetos associam arquitetura à outras artes, também. Oscar Niemeyer inicia seu livro, "a forma na arquitetura", – sobre sua própria visão de plasticidade e composição arquitetônica nos edifícios – com o poema de Ferreira Gullar, "Lição de Arquitetura". E, ainda, evidencia sua relação com outras artes ao dizer o seguinte trecho:

"Paul Valery dizia: 'os caminhos da poesia e da música se cruzam'. Para mim, os caminhos da arquitetura, da escultura e da poesia se cruzam também. Aí nascem as obras de arte." (NIEMEYER, 1978-80, p.15, grifo do autor)

Outra inspiração para o tema é a vida do arquiteto Lina Bo Bardi, que, também, compartilha desta ligação com outras formas de expressão artística. Enquanto projetava uma obra, desenhava e pintava ideias e pensamentos, e escrevia textos de reflexão própria ou de explicação para seu trabalho em andamento. Assim, seguia se expressando de diversas formas para que pudesse demonstrar com clareza quais eram suas intenções e o que a orientava, enquanto projetista. Nas palavras de Alquéres, diretor-presidente da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (1993): "Para Lina, arquitetura era estrutura. Mas estrutura elevado ao nível da poesia."

Nesta pesquisa, também farei alguns paralelos com outros campos, afinal, não somos seres fragmentados, embora muitas vezes especializados. A vida é uma só; o corpo é um só; a pessoa é uma só. Nem arquiteto, nem escritor, nem pai, nem mãe, nem filho, nem adulto e nem criança. Mas, sim, tudo isso junto e misturado, e com mais um pouco de outras *personas*.

3. A CRIATIVIDADE

"A poesia deve ser feita por todos, não por um só." Conde de Lautréamont

A criação move a vida. A criação é capaz de mover a humanidade. Na arquitetura, a criatividade é o que aquece e transcende o edifício, fazendo-o deixar de ser apenas um espaço funcional composto por concreto, aço, vidro, etc. Monótono e frio. O transforma em espaço vivo, alegre e acolhedor, permitindo a ocorrência da identificação do visitante com o mesmo. É como se o arquiteto que o projetou estivesse presente em cada viga, coluna, vidro, janela, etc. Está lá, de braços abertos, exposto para ser lido e utilizado pelo público, que circula por cada entranha dele e se sente em outro mundo neste momento. E, de fato, está! O olhar para o todo, muda. Como se pudesse vestir as lentes do projetista, enquanto percorre sua obra. É um novo mundo. É o mundo do arquiteto que o projetou, e o emprestou ao público para seu deleite e satisfação. O projeto orientado pela criatividade é capaz de tocar as pessoas e reviver um espaço.

“E Pampulha inaugurou-se e cobriu-se de casas e jardins, de vegetação ruídos e alegria. Era o bairro diferente que Juscelino sonhava e que tanta falta fazia a Belo Horizonte. Os que visitavam Pampulha se entusiasmavam com as formas novas que ela oferecia e a leveza de sua arquitetura.” (NIEMEYER, 1978-80, p.28)

“Os 3.000 visitantes do Museu, aos sábados e domingos, o demonstram, contra uma dezena de queixosos” (BO BARDI, 1957-68, apud FERRAZ, 1993, p.100)

4. A SINGULARIDADE, A CRIAÇÃO E A INOVAÇÃO

Em cada momento da vida carregamos conosco uma bagagem *virtual* de experiências, conhecimentos, sabedorias, relações, pensamentos, crenças, etc, do qual estes se tornam ferramentas únicas e singulares a cada indivíduo, pois variam de acordo com suas vivências, também únicas.

1) Do Latim INNOVARE, “renovar, mudar”, de IN-, “em”, mais NOVUS, “novo, recente”.

2) De “criar”, que vem do Latim CREARE, “erguer, produzir”, relacionado a CRESCERE, “aumentar, crescer”, do Indo-Europeu KER-, “crescer”.¹

Os sentidos dos atos de criação e de inovação caminham lado a lado, uma vez que ambos são executados por um indivíduo que, ao criar de acordo com sua existência, produz algo sempre novo aos olhos do mundo. A novidade encontra-se no fato de que tudo aquilo o que for produzido por esse indivíduo através do contato com suas

¹ Site: Origem da Palavra: < <http://origemdapalavra.com.br/>>

singularidades, terá como produto final algo inovador. Para nos orientar, tomemos como base o seguinte trecho de Niemeyer (1978-80, p.30):

“Mas nem todos sorriam. [...] Para outros, um caminho difícil de seguir e principalmente de conceber. Uns se aventuraram nessa tarefa e os resultados nem sempre foram satisfatórios, [...]”

Este, refere-se à arquitetura de traçados curvilíneos e formas soltas – menos puramente funcional e mais arquitetural, em suas palavras – típico de Oscar. Fora bastante criticada e pouco “copiada”. Talvez, porque esta seja sua marca, sua singularidade, e de ninguém mais. Não há como se criar o que não vem de dentro de si. Consequentemente, não há como concebê-lo.

É relevante ressaltar que a inovação é um processo de transformação de algo já existente. Para que a criação ocorra é necessário que exista *uma problemática*, um indivíduo em contato com sua bagagem existencial e que ele esteja em sintonia com o desejo de transformação. A problemática refere-se ao conjunto de fatores que surge como delimitador, orientador e inspirador do projeto.

5. O CRIATIVO

O arquiteto criativo permite que o visitante o conheça de forma absolutamente exposta e vulnerável. Escancara-se diante da visão do público, libertando qualquer expressão própria que deseje sair de dentro de si, sem medo da visão e do julgamento do outro. É como o Poeta², descrito por Forbes (2010), que não se envergonha das palavras ditas. Pelo contrário, “[...] está mais livre do peso da expectativa do outro sobre ele, que um homem comum.[...] O poeta não teme o mal entendido porque aprendeu que ele não é um erro, é estrutural da espécie humana, [...]”. Reproduz as palavras de maneira provocadora e envolvente, sabendo que cada uma delas possui um peso diferente e, portanto, uma sensação e intensidade diferente. E, disto, ele tira proveito a seu favor.

Da mesma forma que o Poeta utiliza da própria vivência para provocar o ouvinte a sentir uma estória, o arquiteto criativo utiliza do espaço projetado por ele como meio de fazer o público sentir e enxergar o mundo de maneira diferente. Porém, há uma distinção entre

² “‘Poeta’ vem do termo ‘poiesis’, justamente: criar, inventar, fazer.” (FORBES, 2010)

a) *querer que o outro saia da posição em que se encontra, para que sinta exatamente da mesma maneira que o provedor da obra sente*; e b) *permitir que o outro utilize de sua percepção, para sentir a obra de uma maneira diferente, todavia, permanecendo-se dentro de seu próprio corpo e de sua própria história*. Ou seja, de acordo com Forbes (2010), no caso **a**:

"[...] o neurótico, é invejoso de sua história, ela é só sua: o interlocutor tem que entendê-la tal qual, nos mínimos detalhes, arriscando inclusive ter que responder a uma sabatina para provar a boa atenção. O que ele teme é que vejamos suas fantasias pessoais naquilo que nos diz."

E, segundo Freud (1907-08), no caso **b**, o escritor criativo:

i) "[...] quando nos apresenta suas peças, ou nos relata o que julgamos ser seus próprios devaneios, sentimos um grande prazer, provavelmente originário da confluência de muitas fontes."

ii) "A satisfação... talvez seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha."

Vale dizer, entretanto, que não existe uma classe única e exclusiva de criativos e outra de chatos. Nem mesmo que os poetas são seres distantes de nosso alcance. Freud (1907-08) revela isto, ao dizer que "[...] no íntimo, somos poetas, e [...] só com o último homem morrerá o último poeta." Aos olhos de Alquéres (1993)³, Lina trabalha justamente com a ideia de que todos somos artistas.

"[...] como considerasse a arte a forma mais genuína de expressão da condição humana e marco fundamental de alteridade, parecia-lhe injustificável a sua rarefação, sacralização."

6. O PROCESSO CRIATIVO

Quando estamos em meio a um processo criativo, não nos encontramos no nosso estado normal de consciência. É como se entrássemos em uma outra sintonia, de rádio. De repente, não temos controle dos próprios pensamentos. Quem o tem, é a criação.

Por exemplo, com relação a arquitetura, o projeto toma conta de seu autor e utiliza de seu corpo para se desenhar. Ou seja, arquiteto se entrega para que a criação se

³ Dedicatória presente na referência: FERRAZ, Marcelo Carvalho; FERRAZ, Marcelo Carvalho (Org.). **Lina Bo Bardi**. [S.l.]: Empresa das Artes, 1993. ISBN 8572340246.

manifeste. E este é um ponto crucial do processo. Lembrando que não é apenas esta etapa que faz parte da produção arquitetônica.

Enfim, criar exige que se perca o controle de si durante o próprio ato de criação, fazendo com que o criador fique um pouco “louco”, neste momento. Um pouco psicótico, nos dizeres de Riolfi. E temem muitos temem. Esta falta de controle. Por isso, também, optam por seguir a receita de bolo da arquitetura moderna e/ou contemporânea. Alguns dos pontos que torna a criação algo tão difícil, belo e único, é a capacidade do arquiteto - e dos artistas, de forma geral - de se expor ao mundo e de se entregar a obra. A dificuldade se encontra no fato de que estes dois posicionamentos exigem flexibilidade e sensibilidade do artista.

Com relação as etapas do processo criativo do projeto, enquanto o elabora, o arquiteto passa por algumas fases de criação: a reclusão e a exposição. A reclusão é um momento de voltar-se para si. É um movimento interno, em que o desejo é de não se relacionar com o mundo fora para que o contato consigo mesmo, necessário para a criação singular, seja mais claro e intenso possível. É uma viagem ao centro da Terra em busca do Eu Oculto. Nesta etapa, o artista se silencia para o mundo, pois não há razão para expressar algo que já foi dito. Já na etapa da exposição, o arquiteto criativo revela aquilo o que talhou com tanta dedicação ao longo do processo inteiro. E é neste momento que se sente satisfeito, pois pode ver a reação do outro para sua criação.

7. O OLHAR DO ARQUITETO

O arquiteto precisa ter uma sensibilidade aguçada perante ao mundo. Ao entrar em contato com um espaço, é importante que consiga registrar o máximo de sensações possíveis. Mas sua sensibilidade deve ir além.

Ao se deparar com um terreno vazio, o arquiteto criativo é capaz de perceber algo que existe lá, mas ninguém mais, além dele mesmo, é capaz de percebê-lo. Ele visualiza o volume e as formas que existem lá num outro plano que não aquele que se trabalhará. Até consegue percorrer os espaços e, em alguns casos, senti-los através dos outros sentidos.

“Um dia, contei como as projetava, como ao desenhá-las me via a circular entre elas e os edifícios, imaginando as formas que teriam, os pontos-de-vista possíveis de variar, etc.. Meu intuito era mostrar como o problema plástico era laboriosamente pensado e como nele nos detínhamos com carinho.” (NIEMEYER, 1978-80, p.32)

Oscar, neste trecho que trata sobre sua forma de projetar com as curvas, descreve perfeitamente a etapa do processo de criação denominada, aqui, como o *olhar*. Ele visualiza, no terreno, o que está contido neste espaço, porém num campo ainda abstrato, que só se tornará palpável depois de construído. Aqui, também, fica explícita a existência de uma problemática que inspira a criação de Niemeyer, quando ele diz que “[...] o problema plástico era laboriosamente pensado e como nele nos detínhamos com carinho.”

8. O OUTRO

“[...] o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. Isto torna-se ainda mais óbvio quando a posteridade dá o seu veredicto final e, às vezes, reabilita artistas esquecidos.” (DUCHAMP, 1965, p.74)

O "expor-se" do arquiteto criativo, além de fazê-lo perder controle de si em alguns momentos, também o leva a uma outra consequência. Estar aberto ao outro. Que, por um lado pode ser visto como consequência, mas, por outro, pode ser visto como causa, também.

Acontece que a criação, especialmente na arquitetura, depende de uma terceira pessoa, singular ou plural. Ou seja, o outro ou os outros; o cliente ou um público geral. E estes são a razão pelo qual o arquiteto projeta, só se é capaz de reconhecer a si mesmo olhando fora. É necessário voltar-se para o outro, para que ele se reconheça como ser singular. Este movimento é chamado de *alteridade*, “do latim *alteritas*. Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 1998, p.34-35, apud MOLAR, 2011, p.62)

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo esta pesquisa com uma reflexão bastante pertinente que surgiu em vários momentos do processo de sua elaboração. Me perguntei por várias vezes: *até que ponto*

uma arquitetura criativa é essencial à sociedade? Ou melhor, até que ponto a arquitetura criativa é capaz de transformar a sociedade – que se demonstra há tanto tempo adoecida e injusta – sem ter que trabalhar diretamente com a raiz cultural, social e econômica do país e, talvez, do mundo ocidental?

Surpreendi-me com alguns resultados que obtive ao longo do trabalho. A arquitetura criativa dos autores analisados foram capazes de resgatar a vivacidade dos espaços públicos oferecidos pela metrópole para o deleite dos visitantes. Muitos destes espaços se tornaram um dos poucos – se não os únicos – respiros da cidade e/ou da comunidade em que está inserido; sendo, aí, que se encontra a relevância da arquitetura criativa, pois ela se mostra capaz de transcender os materiais e as funções para dar algum sentido a vida. Como nos ensinou Lina Bo Bardi.

“Entre tantas lições contidas [...], aprendemos finalmente, com Lina Bo Bardi, que a base de obras verdadeiramente monumentais não se encontram na efemeridade do rígido concreto ou aço, mas na indestrutível força dos ideais, daqueles que a construíram e na leveza de seu espírito livre.” (ALQUÉRES, 1993, p.1)⁴

Porém, gostaria de ressaltar de que nada vale esta discussão em torno da criação individual, enquanto a intenção dos arquitetos não estiver voltada para alguma transformação social. Nas palavras de Oscar Niemeyer (1978-80), *mudar a sociedade é a reforma de base indispensável para a arquitetura mais humana.*

“- Então, você tem que aceitar que quando uma forma cria beleza ela tem uma função e das mais importantes na arquitetura.

É o que eu tenho a dizer sobre a forma na arquitetura, sobre a criação arquitetural que tanto me ocupo por toda a vida, embora interessado em outros problemas, revoltado com a miséria, muito mais importante, para mim, do que a arquitetura.” (NIEMEYER, 1978-80, p.54, grifo do autor)

⁴ Dedicatória presente na referência: FERRAZ, Marcelo Carvalho; FERRAZ, Marcelo Carvalho (Org.). **Lina Bo Bardi**. [S.l.]: Empresa das Artes, 1993. ISBN 8572340246.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

·
DUCHAMP, Marcel. **O Ato Criador** In: BATTCOCK, Gregory. *A Nova Arte*. São Paulo. Perspectiva: 2004

FERRAZ, Marcelo Carvalho; FERRAZ, Marcelo Carvalho (Org.). **Lina Bo Bardi**. [S.l.]: Empresa das Artes, 1993. ISBN 8572340246.

FORBES, Jorge. **O poeta e o chato**. Artigo publicado na revista "Psique – Ciência e Vida", nº 58, Outubro de 2010

FREUD, Sigmund. **"Gradiva" de jensen e outros trabalhos: 1906 - 1908**. Tradução de Maria Aparecida Moraes Rego; Colaboração de James Strachey et al; Direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. IX. 259 p., 21 cm. (Sigmund Freud; v. IX). ISBN 85-312-0965-x.

MOLAR, Jonathan de Oliveira, **Alteridade: uma noção em construção**. Revista NUPEM, Vol. 3, No 5 (2011) (acessado em 15 Setembro 2013). Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/493_215.pdf>

NIEMEYER, Oscar. **Forma na arquitetura, A**. 3. ed. Rio de Janeiro: Avenir, 1980. v. 1.

RIOLFI, Claudia Rosa. **Criando o novo com as mesmas velhas palavras**. In *Proceedings of the 5. Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*, 2004 [online]. 2004 [cited 25 August 2013]. Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032004000100001&lng=en&nrm=iso> .

TORRES, Ronaldo. **Lacan e Hegel. Psicol. USP** [online]. 2004, vol.15, n.1-2 [cited 2013-09-08], pp. 309-320 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100027&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-6564. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642004000100027>.